

A Correspondência Açoriana de João dos Reis Gomes

The Azorean Correspondence of João dos Reis Gomes

*Paulo César Vieira Figueira*¹

Resumo

A epistolografia de João dos Reis Gomes é uma produção pouco conhecida em relação aos restantes textos legados pelo Major. Na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, encontramos algumas cartas que, de uma maneira ou de outra, nos transmitem uma vertente diferente de João dos Reis Gomes, em que podemos supor o teor de conversas mantidas com grupos de amigos, embora não possamos afirmar que a perspetiva de um autor de uma carta, na procura de um diálogo com o destinatário, corresponda, por inteiro, ao que está escrito. São de particular interesse as missivas trocadas com os açorianos Teófilo Braga, Manuel Monteiro Velho Arruda e José Bruno Tavares Carreiro, no âmbito da admiração, cultura e história das ilhas e ainda crítica literária, deixando um legado que podemos considerar informal, de impressões culturais de personalidades influentes da história recente das ilhas, mas, em simultâneo, de amizade e estima.

Palavras-chave: João dos Reis Gomes; Epistolografia; Açores.

Abstract

The epistolography of João dos Reis Gomes is not a well-known production. In the Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, we find some letters that, in one way or another, convey a different aspect of João dos Reis Gomes, in which we can assume the content of conversations held with groups of friends. Even though we cannot affirm that the perspective of an author of a letter fully corresponds to what is written. Of particular interest are the letters exchanged with the Azoreans Teófilo Braga,

¹ Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa. Mestre em Estudos Interculturais, com a dissertação *Percursos da subjectividade pós-modernista: um contributo para a análise das poéticas de José Agostinho Baptista e Eduardo White*. Doutorado em Ilhas Atlânticas – História, Património e Quadro Jurídico Institucional, com a tese *João dos Reis Gomes: contributo literário para a divulgação da História da Madeira*. Membro integrado do CECOMP – Centro de Estudos Comparatistas – e membro colaborador do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias. Contacto: pcvfigueira@gmail.com.

Manuel Monteiro Velho Arruda and José Bruno Tavares Carreiro. Within the scope of the islands' admiration, culture and history and literary criticism, these letters leave a legacy that we can consider informal but, at the same time, of friendship and esteem.

Keywords: João dos Reis Gomes; Epistolography; Azores.

O presente artigo tem por objetivo dar a conhecer as temáticas de algumas cartas trocadas entre João dos Reis Gomes e vultos assinaláveis da cultura açoriana, nomeadamente, Teófilo Braga, Manuel Monteiro Velho Arruda e José Bruno Tavares Carreiro, cujo conjunto denominaremos correspondência açoriana de João dos Reis Gomes.

O interesse por estes documentos tornou-se evidente quando, durante os nossos estudos para o doutoramento em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico-Institucional, julgamos ser importante seguir as indicações sobre as ligações de João dos Reis Gomes aos Açores. Tendo em conta a temática da nossa investigação, deparámo-nos com estes documentos na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

O facto de se tratar de inéditos, que não visavam a edição, constantes em coleções particulares do acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, oferece a reflexão quanto à legitimidade da publicidade e do compulsar posterior: «Daí resulta que, salvo nos casos de cartas publicadas pelo próprio autor, ou com a sua autorização expressa («publique», ou «faça desta carta o uso que quiser»), tenhamos de nos interrogar quanto à legitimidade de compulsar cartas alheias e de lhes dar publicidade»².

Sem a intenção de abandonarmos a exploração deste pequeno conjunto epistolar, pensamos que um congresso estruturado em torno da História da Madeira seria o local ideal para a divulgação destes documentos, da sua motivação, estrutura, assuntos e interesse. Aliás, estes aspetos levaram-nos à convicção de que a leitura das cartas açorianas de João dos Reis Gomes demonstra uma utilidade prática evidente na interpretação biográfica do autor, bem como da visão de algumas obras e pensamentos que marcam o tempo e o espaço insulares.

Neste trabalho, utilizaremos as seguintes abreviaturas:

- BPARPD – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada;
- ATB – Arquivo Teófilo Braga;
- AMMVA – Arquivo Manuel Monteiro Velho Arruda;
- ATC – Arquivo José Bruno Tavares Carreiro.

² ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, pp. 20-21.

Apresentamos, no final, a transcrição da correspondência, cuja autorização para publicação muito agradecemos à Direção da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. As cartas seguem uma ordem cronológica e não operamos a atualização da grafia.

1. João dos Reis Gomes: Vida e Obra

Nascido no Funchal, a 5 de janeiro de 1869, onde veio a falecer, a 21 de janeiro de 1950, João dos Reis Gomes destacou-se em diversas áreas. Foi oficial do exército, engenheiro, industrial, professor, escritor, crítico e filósofo de arte. Além de redator da *Revista Madeirense*, foi diretor do *Heraldo da Madeira* (1904-1915) e do *Diário da Madeira* (1916-1940), e colaborou também com outros periódicos de Lisboa: *O Dia*, *O Século* e *Serões*.

O fundador da tertúlia Cenáculo foi, de igual modo, sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, sócio de honra da Federação das Academias de Letras do Brasil, vogal do Instituto de Portugal e fundador da delegação da Sociedade Histórica para a Independência de Portugal. Por toda a sua ação, João dos Reis Gomes foi considerado um dos mais ilustres escritores e jornalistas do seu tempo e o primeiro crítico de teatro em Portugal³.

A 22 de janeiro de 1950, o *Diário de Notícias* prestava homenagem a uma personalidade ímpar da cultura madeirense:

«O extinto era, como dissemos, Major de Artilharia Pesada, na situação de reforma; e Engenheiro Industrial, antigo Professor do Liceu do Funchal e Director da Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar; antigo Director do «Heraldo da Madeira» e Director do «Diário da Madeira»; Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras) e membro de honra da Federação das Academias de Letras do Brasil, e Vogal do Instituto de Portugal (antiga Academia de Portugal); Sócio do Instituto António Cabreira, Sócio honorário do Instituto Cultural de Ponta Delgada (S. Miguel), do Instituto Histórico da Terceira (Açores) e da Casa da Madeira, de Lisboa; Oficial e Comendador da Ordem Militar de S. Tiago, do «Mérito Científico, Literário e Artístico», Comendador da Ordem da Instrução Pública, e Oficial da Academia de França. [...]. Foi fundador da Delegação no Funchal da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e seu ex-Presidente, Sócio fundador da Delegação da Sociedade Portuguesa da

³ In NORONHA e PIRES, 1909, *Serões*, n.º 47, p. 421, o «director do *Heraldo da Madeira*» é considerado um escritor que «honra a literatura nacional», a propósito da publicação do «esplendido romance *A Filha de Tristão das Damas*, de maneira inconfundível, brilhantíssima.»

Cruz Vermelha, e condecorado com as medalhas de Dedicção e de Mérito da mesma filantrópica instituição»⁴.

A formação dos interesses de João dos Reis Gomes estará particularmente ligada à última década do século XIX e à primeira do século XX. Tendo ido para Lisboa em finais de Oitocentos, o contexto histórico-político nacional terá sido importante no seu pensamento. A justificação de África, como cerne da política e da historiografia portuguesa, é uma marca que se manterá durante a vida do autor, pois será defendida pela Monarquia, Primeira República, Ditadura Militar e Estado Novo. Em finais de Oitocentos, o império africano «era, agora mais do que nunca, parte integrante da nação de forma inquestionável, cabendo a sua defesa e preservação às Forças Armadas»⁵, o que deve ter sido tido em conta por um militar de carreira, como João dos Reis Gomes.

No regresso à Madeira, João dos Reis Gomes exerceu a sua função no Exército até passar à reserva em 1917, na qualidade de major de artilharia. As funções de docente, no Liceu Jaime Moniz e na Escola Industrial, onde chegou a diretor, e de jornalista e crítico, legaram a imagem de um homem atento ao seu tempo, em que a difusão cultural e ideológica assenta na historiografia, no teatro e no jornalismo, além da escrita literária, filosófica e política.

No geral, é uma personalidade que tomará, nas mais diversas áreas de ação, um *modus operandi* que o ligará à República, Autonomia, Regionalismo e Estado Novo, com o qual é frequentemente associado:

«na sociedade não dominam, obviamente, apenas factores ideológicos, mas também existem, entre outros, fenómenos de cultura e de mentalidade. Há um entrelaçar de realidades e, assim, se os problemas, as práticas e as ideias que se manifestam numa dada época são fruto criativo da construção intelectual do homem, cuja génese é mais facilmente historiada, correspondem também a sentimentos sociais profundos, a uma espécie de inconsciente colectivo, como resultam também de ideologias, estabelecidas ou controladas por interesses sociais ou formadas na base de uma tentativa de recusa desses interesses dominantes»⁶.

A memória de João dos Reis Gomes associa-se, também, ao teatro e ao cinema. Confesso cultor de ambas as artes, o Major é visto como o primeiro, a nível mundial, a fundir o cinema com o teatro, na representação, em 1913, do drama histórico *Guiomar Teixeira*. A cena da batalha de Safim é introduzida por uma curta-metragem.

⁴ *Diário de Notícias*, 22-1-1950, p. 6, «Faleceu ontem o eminente escritor madeirense Major J. Reis Gomes».

⁵ FERNANDES, 2014, «A vida política», p. 40.

⁶ TORRALBA, 1989, *História e ideologia*, p. 30.

Como filme mudo, durante a representação, era acompanhado pelos comentários dos atores, em palco, além da orquestra: «Os soldados seguem attentamente, commentando no seguinte dialogo, todas as particularidades do encontro das cavallarias portugueza e mourisca, reproduzido pelo cinematographo»⁷. Na peça de teatro, o filme é introduzido da seguinte maneira: «Ao longe, uma paizagem dos arredores da cidade, reproduzida pelo Cinematographo e onde se passa o ultimo lance da grande batalha com os mouros que terminou com o cerco de Safi»⁸.

De igual modo, a planificação e a execução das comemorações do Quincentenário do Descobrimento da Madeira (dezembro de 1922 e janeiro de 1923), como é reconhecido no *Elucidário Madeirense*, permanecerão como um legado de João dos Reis Gomes:

«Foi o major João dos Reis Gomes, um distinto filho da nossa terra e o mais ilustre dos seus escritores e jornalistas, que, no Diário da Madeira, de que é director (1921), lançou e advogou a ideia da celebração do centenario, que elaborou as bases dessa comemoração, que iniciou os seus actos preparatorios, que presidiu á direcção de muitos dos numeros do programa e que sempre acompanhou e superintendeu, ás vezes nos mais pequenos detalhes, em todos os trabalhos dos diversos festejos que se realizaram nesta cidade nos fins de Dezembro de 1922 e principios de Janeiro de 1923»⁹.

As comemorações do Quinto Centenário foram idealizadas para uma propostada publicitação da Madeira, um interlugar, baseado na conceção do mundo pós-século XV e na projecção turística do arquipélago.

Também a direcção de periódicos (*Heraldo da Madeira* e *Diário da Madeira*), em cujas páginas encontramos a intenção da divulgação da História da Madeira, é, para nós, uma ligação à vertente histórico-cultural, que se refletirá no pensamento do autor, numa altura em que as elites culturais se envolvem na luta por uma melhor autonomia e na defesa do regionalismo¹⁰.

2. A Epistolografia

De acordo com algumas conceções, a escrita epistolar ainda é tida como uma escrita menor. Contudo, não cremos que o seu interesse seja inferior, ou deva

⁷ REIS GOMES, 1914, *Guiomar Teixeira*, p. 79.

⁸ REIS GOMES, 1914, *Guiomar Teixeira*, p. 79.

⁹ SILVA e MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, p. 164.

¹⁰ As amizades e os contactos de João dos Reis Gomes são de diversos quadrantes, republicanos, monárquicos, autonomistas, salazaristas, englobando personalidades como Teófilo Braga, Pedro Pitta, José Bruno Tavares Carreiro, Luís Bettencourt de Medeiros e Câmara, entre outros, o que nos leva a crer que estamos perante um republicano, patriota, regionalista e autonomista.

ser recebido numa perspetiva de minoridade, pois o género epistolar pode ser, por exemplo, uma importante fonte da história, como transmissão do modo de ser e de pensamento de um determinado tempo e espaço.

Das características que definem a escrita epistolar, podemos indicar as seguintes: «o vocativo inicial («meu amigo»), que como que reclama a existência de um destinatário específico; a saudação que a fecha («saúde amigo»); a assinatura; a data; o *aqui* e *agora* da situação enunciativa; o tom dialogante que a percorre»¹¹. Podemos, de igual modo, discorrer sobre uma escrita literária e uma escrita não literária, como aponta Rosa Maria Goulart, na análise a partes da epistolografia de Vergílio Ferreira:

«a escrita literária da escrita não-literária: enquanto reconhece que esta não revela por inteiro o seu autor e que há, portanto, necessidade da pessoa para se aferir por ela a escrita (que neste caso é revelação parcial da personalidade), dissocia inequivocamente a personalidade artística do escritor (que, esta sim, caberia toda na obra), do *outro* de si, o homem cuja mão a escreveu, mas não fica nela [...]. Além disso, a epistolografia, que vive sobretudo dos circunstancialismos do quotidiano, fica, como o diário, nas margens da escrita nobre [...]»¹².

Trata-se de distinguir entre cartas literárias e não literárias, o que é definido por Carlos Ceia nos seguintes moldes: «À arte de escrever epístolas ou formas registadas de correspondência escrita entre indivíduos dá-se o nome de *epistolografia*; à teoria e prática da escrita de cartas ficcionais, convém chamar-se *epistolaridade*»¹³. Isto não invalida que as cartas ficcionais não obedeçam a princípios caros às epístolas comuns.

Dentro destes parâmetros, a correspondência açoriana de João dos Reis Gomes obedece, quanto a nós, a uma escrita não literária, estabelecida entre dois correspondentes, cuja finalidade é uma troca de pontos de vista sobre o quotidiano cultural das ilhas e assuntos de âmbito particular.

O debate entre uma escrita epistolar literária e não literária poderá ser uma questão sem resposta, mas não deixa de trazer alguns pontos que elucidam sobre a escrita das cartas e respetivas funções. Com base em Ana Maria Barrenechea, para nós, a correspondência açoriana de João dos Reis Gomes cumpre a seguinte premissa, porque nos parece um diálogo natural:

«Del rasgo general de instrumento e comunicación se deriva el que muchos destaquen su carácter de *diálogo* (con más restricción de *mitad de diálogo*) y comparen el

¹¹ GOULART, 1997, *O trabalho da prosa*, p. 95.

¹² GOULART, 1997, *O trabalho da prosa*, pp. 98-99.

¹³ CEIA, 2009, «Epístola».

intercambio epistolar (*escrito*) con una *conversación* (*oral*), de allí en parte el nombre de *correspondencia*»¹⁴.

As cartas encontram-se assinadas e datadas e não vislumbramos qualquer propósito de publicação pelo autor. Pelos textos, compreendemos que João dos Reis Gomes, entre o diarista e o criador, «pratica uma escolha, uma eleição, que condiciona incontestavelmente o texto que vai escrever, quer no plano da franqueza, quer no do estilo»¹⁵, e, como epistológrafo, «requinta o que tem para dizer conforme o destinatário a quem o confia»¹⁶.

Desde a Antiguidade a epistolografia tem sido um género que acompanha a produção escrita de muitos autores de referência, como será o caso de Séneca, com *Epistulae morales ad Lucilium* (*Cartas a Lucílio*), ou de outros menos conhecidos. Quando falamos em epistolografia, em João dos Reis Gomes, não nos referimos a um volume que tenha sido produzido pelo autor com o intento de, sob o artifício epistolar, expor um pensamento. Existe, sim, um direcionamento para destinatários com uma relação de proximidade e afetividade com o Major.

O que nos orienta, fundamentalmente, é uma justificação de ordem biográfica e de pensamento que «é a mais fácil de demonstrar. Incontestavelmente, é a carta uma revelação da personalidade íntima no que tem de mais superficial como de mais profundo. A começar pela própria letra»¹⁷, e que vem criar no leitor «a ilusão dum convívio com o artista que se admira»¹⁸.

É nestes trâmites que a exploração da correspondência açoriana de João dos Reis Gomes irá obedecer à análise de textos que se prestam a uma função comunicativa, sem intenção de publicação, com referência a assuntos do quotidiano e do pensamento dos interlocutores, que, como fonte, não deixa de ser uma referência do seu tempo e espaço.

Contudo, as cartas sem um propósito editorial não deixam de colocar a questão da publicação, quando tal não se encontra expresso pelos intervenientes. Ou seja, podemos questionar se não há uma violação da intenção autoral que provavelmente quereria que estes documentos se mantivessem inéditos, porque «A carta pretende comunicar com um leitor único, e, como tal, prescinde da publicação»¹⁹,

¹⁴ BARRENECHEA, 1990, «La epístola y su naturaleza genérica», p. 53.

¹⁵ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, p. 17.

¹⁶ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, p. 17.

¹⁷ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, p. 23.

¹⁸ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, p. 21.

¹⁹ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, p. 20.

embora João dos Reis Gomes não especifique «que a mensagem permaneça estritamente confidencial»²⁰.

Em nosso entender, a questão da legitimidade em relação a documentos particulares, sem a intenção de publicação, justifica-se pelo interesse maior que um vulto assinalável da cultura madeirense merece por parte da investigação sobre a história e a cultura das ilhas.

3. Correspondentes, Assuntos e Interesse

Considerando o objeto da nossa pesquisa, exploremos um pouco da vida e obra dos destinatários açorianos. Durante a vida de João dos Reis Gomes, há notícias de frequentes deslocações aos Açores, o que poderá pressupor o contacto com influentes personalidades açorianas, embora a relação com Teófilo Braga implique, como palco, Lisboa. Outro aspeto é a relação com a imprensa açoriana, que dá alguma projeção a João dos Reis Gomes no arquipélago dos Açores. Sabemos que há diversas notícias sobre as produções do Major, como também o *Diário da Madeira*, entre outros periódicos madeirenses, se acha como publicitário das intenções autonomistas dos dois arquipélagos atlânticos.

Em termos mediáticos, o interlocutor mais famoso é Teófilo Braga (Ponta Delgada, 24 de fevereiro de 1843 / Lisboa, 28 de janeiro de 1924). Quanto a Manuel Monteiro Velho Arruda e José Bruno Tavares Carreiro, também se contam como ilustres homens da vida cultural e política açoriana.

Teófilo Braga, doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra (1868), ingressou como Professor de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras, em Lisboa, é conhecido por ter sido adepto do positivismo, se rever na causa republicana, ser considerado membro da Geração de 70 e ter sido o 2.º Presidente da República Portuguesa. Pertencente a uma geração anterior à de João dos Reis Gomes, tornou-se um vulto admirado por membros desta geração, na medida da sua presença cultural e política.

No campo político, presidiu ao primeiro Governo Provisório até à eleição de Manuel de Arriaga, também açoriano, tendo aceitado o lugar de Presidente da República aquando da renúncia deste. Às suas ações é reconhecido um cariz patriótico e nacionalista.

²⁰ ROCHA, 1990, *A epistolografia em Portugal*, pp. 20-21.

Este pensamento também se estendeu ao campo das humanidades, ao efetuar importantes trabalhos que marcaram a cultura portuguesa. A sua interação com João dos Reis Gomes pauta-se na esfera da admiração e da crítica literária.

Manuel Monteiro Velho Arruda (Vila do Porto, 5 de dezembro de 1873 / Coimbra, 24 de novembro de 1950) foi um importante médico e historiador açoriano que se destacou pela introdução ao *Ensaio sobre a Documentação Histórica do Descobrimento e Povoamento dos Açores* e pela publicação dos livros I e III de *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, que é elogiada numa missiva de João dos Reis Gomes. Manuel Monteiro Velho Arruda foi uma das personalidades que procurou publicitar a identidade açoriana.

José Bruno Tavares Carreiro (Coimbra, 28 de agosto de 1880 / Ponta Delgada, 4 de janeiro de 1957) foi um ilustre escritor, advogado, jornalista e autonomista, que se evidenciou pela biografia de Antero, *Antero de Quental: Subsídios para a sua Biografia*, bem como pelas propostas autonómicas incrementadas em conjunto com os autonomistas madeirenses, situação que teve maior visibilidade entre o V Centenário da Madeira e o V Centenário dos Açores²¹. O autonomista José Bruno Tavares Carreiro, juntamente com Luís Bettencourt de Medeiros e Câmara, esteve no Funchal, na altura do V Centenário madeirense, com o objetivo de aprofundar as relações com os autonomistas madeirenses para a luta por uma autonomia mais forte para os distritos insulares.

Dos três correspondentes, a maior interação, a julgar pela quantidade de missivas constantes no acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, deu-se com José Bruno Tavares Carreiro, com cartas entre 1947 e 1949. Com Manuel Monteiro Velho Arruda, apresenta apenas uma carta de 1944 e, com Teófilo Braga, algumas missivas, entre 1907 e 1919. O Arquivo Teófilo Braga (ATB) regista três cartas escritas por João dos Reis Gomes, o Arquivo Manuel Monteiro Velho Arruda (AMMVA) regista uma carta, e o Arquivo José Bruno Tavares Carreiro (ATC) regista sete cartas da autoria de João dos Reis Gomes e cinco rascunhos de Tavares Carreiro.

²¹ Em 1923, durante as celebrações do Quinto Centenário da Madeira e no seguimento da reunião da Comissão de Estudo para as Bases da Autonomia da Madeira (16 de dezembro de 1922), José Bruno Tavares Carreiro e Luís de Bettencourt e Câmara reuniram-se com a comissão autonomista madeirense, com a intenção de reivindicar uma melhor autonomia para os dois arquipélagos. Os periódicos madeirenses publicitaram os desejos autonomistas, como foi o caso do *Correio da Madeira*: 1923-1-4, p. 1, «Autonomia da Madeira», alude ao apoio de São Miguel ao movimento autonómico, com a presença, no Funchal, de Luís de Bettencourt de Medeiros e Câmara e José Bruno Tavares Carreiro; 1923-1-12, p. 1, notícia da reunião em Ponta Delgada para solicitar mais autonomia também para os Açores; 1923-1-24, p. 1, «A autonomia insular e o Senado – Em sua sessão de 12 do corrente, versou-se a questão da autonomia, falando alguns senadores»; 1923-1-25, p. 1, «Autonomia Insular – O regresso aos Açores do representante do Distrito de Angra, junto da Comissão de Estudos, no Funchal».

No que toca aos assuntos tratados, o maior interesse situa-se nas questões em torno da literatura, que versa sobre alguns títulos de João dos Reis Gomes analisados por Teófilo Braga e José Bruno Tavares Carreiro, a edição de *Saudades da Terra*, de Manuel Monteiro Velho Arruda, a edição de *Antero de Quental: Subsídios para a sua Biografia* e a adaptação de *Os Maias*, ambas da autoria de José Bruno Tavares Carreiro.

Procuramos, sem resultados, a correspondência recebida por João dos Reis Gomes. Todavia, aproximamo-nos do que um dos interlocutores açorianos terá escrito porque, no espólio de José Bruno Tavares Carreiro, constam os esboços do conteúdo das cartas enviadas ao romancista madeirense. No contexto do diálogo epistolar, este dado permite um exercício próximo das cartas que João dos Reis Gomes, efetivamente, terá recebido, o que poderá ser comprovado na transcrição final.

A correspondência de João dos Reis Gomes com os três açorianos acaba por ser um marco no sentido de traduzir para a investigação características do seu regionalismo, valorizando aspetos da cultura das ilhas. Neste sentido, podemos afirmar que as cartas trocadas com os açorianos Teófilo Braga, Manuel Monteiro Velho Arruda e José Bruno Tavares Carreiro, são interessantes no âmbito da admiração, cultura das ilhas e crítica literária, deixando um legado de impressões culturais de personalidades influentes da história recente das ilhas, mas, em simultâneo, de amizade.

O primeiro registo respeitante a Teófilo Braga deve-se às saudações pelo 63.º aniversário do açoriano e à consideração da sua obra como «colossal em que o nosso espírito, a um tempo, se orgulha»²².

Em outubro de 1907, sabemos da intenção de João dos Reis Gomes em enviar a Teófilo Braga o romance *A Filha de Tristão das Damas* para uma leitura, numa missiva em que o motivo principal é a solicitação da apreciação de *Histórias Simples*: «Não é ainda desta vez que infligirei a V. Exa. a canseira de lêr a novella historica madeirense em que lhe falei quando em Julho tive o grande prazer de abraçar V. Exa. no Curso Superior de Lettras»²³, onde Teófilo era Professor de Literaturas Modernas. A 1 de agosto de 1919, João dos Reis Gomes procura no «Meu caro Mestre» o «decisivo juízo» sobre a obra *A Música e o Teatro*²⁴, que será sempre tido como uma opinião de prestígio.

A influência de Teófilo Braga é também testemunhada pelo artigo publicado no *Diário da Madeira*, por alturas dos quinhentos anos da Madeira, quando se refere que o açoriano comentou muito elogiosamente *O Teatro e o Actor*: «mereceu da pena

²² BPARPD, Teófilo Braga, cx. 215, n.º 42.

²³ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 146, n.º 60.

²⁴ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 163, n.º 31.

de Teófilo Braga as mais belas referências, e que foi adoptada num conservatório do Brasil»²⁵.

Em relação a Manuel Monteiro Velho Arruda, a quem João dos Reis Gomes se dirige como «Ilustre Escritor», o tema principal da conversa é a apreciação que o madeirense fez da edição do livro I de *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso. Ao tom elogioso do discurso, junta-se o enaltecimento do brio insular dentro da pátria: «Como insulano, desvaneço-me com o altíssimo serviço que V. Exa. acaba de prestar aos nossos dois arquipélagos e dum modo geral, à nossa Pátria»²⁶.

No que respeita a José Bruno Tavares Carreiro, o Major, quando oferece um exemplar da 2.^a edição de *A Filha de Tristão das Damas*, escreve na carta ao amigo açoriano (1947-3-22) que se trata de «uma insignificante obra da minha mocidade»²⁷, num reforço das palavras do prólogo do romance histórico.

José Bruno Carreiro agradece e responde (1947-4-10) que «já conhecia o seu romance, e bem me lembro de que foi por ele que conheci a lenda de Ana d'Arfet e Machim, e pormenores da vida de Colombo na Madeira. Pela sua mão, entramos, cheios de encanto, nessa Madeira dos fins do séc. XV»²⁸, lamentando que a ilha de São Miguel seja tão diferente da Madeira: «tão diferente da minha S. Miguel, sem história nem lendas, onde até ao séc. XIX só se pensou (salvo raras excepções) em comer, beber e amontoar dinheiro, sendo raros, mesmo nas classes altas, no 1.º quartel daquele séc., os que sabiam ler e escrever»²⁹. Para José Bruno Tavares Carreiro, o romance histórico de João dos Reis Gomes «entretetece no seu romance a lenda com a história, em quadros cheios de colorido e vida»³⁰. E continua, no seu rascunho, a apreciação ao romance histórico, frisando que «assim deixa de ser a raridade bibliográfica que já estava sendo a primeira»³¹.

O discurso de José Bruno Tavares Carreiro vem enaltecer o contributo para a divulgação de referentes históricos e, com isto, a edificação da memória cultural dos arquipélagos.

Na série de correspondência mantida entre José Bruno Carreiro e João dos Reis Gomes, também é referida a apreciação a *O Cavaleiro de Santa Catarina*. Para José

²⁵ *Diário da Madeira*, 1922-11-7, p. 2, «Descoberta da Madeira – O infante D. Henrique – ligeiras considerações sobre o desenvolvimento da Ilha de Zarco – A ideia que dela fazem os continentais».

²⁶ BPARPD, Manuel Monteiro Velho Arruda, n.º 50.158.

²⁷ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

²⁸ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

²⁹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

³⁰ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

³¹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

Bruno Carreiro, «o caso de Henrique Alemão conta-no-lo o meu ilustre Amigo por uma forma que nos prende da 1.^a à última página»³², e que lhe parece «que o caso pertence bem mais à história do que à lenda: esta terá entrado apenas com um ou outro pormenor trazido pela tradição»³³. O trabalho de João dos Reis Gomes é também elogiado porque «em defesa da beleza da lenda, [há] o dever de mantê-la»³⁴, citando, como reforço, as palavras de Rostand, em *Aiglon*: «Dors, tu fus ce jeune homme et ce fils, quoi qu'on dise./ Dors, tu fus ce martyr [*sic*]; du moins, nous le voulons!»³⁵.

A crítica à *Lenda de Loreley contada por um latino* é também bastante distintiva do livro de João dos Reis Gomes: «Ninguém deixará de reconhecer muito maior beleza à sua interpretação da famosa lenda»³⁶.

Além dos juízos feitos a *A Filha de Tristão das Damas*, a *O Cavaleiro de Santa Catarina* e à *Lenda de Loreley contada por um latino*, não é menos enriquecedora a troca de opiniões sobre o *Antero de Quental: Subsídios para a sua Biografia*.

No rascunho de 1947-4-10, José Bruno Tavares Carreiro escreve a pedir informações adicionais sobre as ligações familiares de Antero de Quental à Madeira, nomeadamente, a Henrique Henriques de Noronha:

«lembro-me de pedir-lhe o favor de uma informação: Pedro Nicolau de Bet.[encourt] de Freitas e Meneses, bisavô de Antero pela linha da avó paterna D. Carlota Joaquina de Freitas Betencourt, era trisneto do escritor H.[enrique] H.[enriques] de Noronha, sexto avô de A.[ntero] por esta linha, segundo informação que me deu há anos o nosso falecido amigo Luis da Camara. Neste ramo, haverá mais algum antepassado de A.[ntero] digno de menção, além de H.[enrique] H.[enriques] de Noronha?»³⁷.

Ao que João dos Reis Gomes, numa missiva de 1947-5-8, responde ter interpellado o cónego Fernando de Menezes Vaz, com obra de genealogia, porque «Nem eu, nem o nosso Pe. Fernando [Augusto da Silva] sabemos nada destes assuntos»³⁸.

O *Antero*, de José Bruno Tavares Carreiro, é um tema recorrente na troca de cartas entre o açoriano e o madeirense. Sabemos que o livro é posto à venda, em Portugal continental, a 6 de abril de 1948, pelo comentário de José Bruno num rascunho de 5 de abril de 1948: «Por este correio lhe mando um exemplar do meu Antero, que é posto amanhã à venda nas livrarias do Continente»³⁹.

³² BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10023.

³³ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10023.

³⁴ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10023.

³⁵ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10023.

³⁶ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6225.

³⁷ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10024.

³⁸ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6223.

³⁹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6225.

Por entre as críticas elogiosas feitas pela imprensa ao livro, João dos Reis Gomes, em relação ao *Antero*, expressa uma ideia de biógrafo e de biografia, dando valor à metodologia e à isenção da investigação para reforçar os parâmetros que devem contar na análise de uma biografia:

«O seu caso é bem diferente e é, para mim e mais alguém..., o verdadeiro. Expõe tudo quanto se sabe sobre Antero; esclarece dúvidas, corrige erros documentadamente sobre Antero, desde a sua ascendência, passo a passo, em toda a sua vida, física, psíquica e mental, sinceramente, escrupulosamente... E é com esta sinceridade, com esta isenção e este escrúpulo que historia o seu homem. Quanto a mim, é isto e só isto o que se chama escrever uma biografia»⁴⁰.

Não se coibindo de classificar a obra de colossal: «colossal, escrito com k, como para dar-lhe toda a grandeza escreveria em alemão»⁴¹.

Em relação a Antero de Quental, ainda devemos acrescentar que José Bruno Tavares Carreiro revela que tem como projeto para a sua reforma editar a correspondência do poeta:

«Agora, quando em breve passar à situação de aposentado, entreter-me-ei a concluir a preparação da nova edição de toda a correspondência de A.[ntero], anotada, por ordem cronológica, em dois volumes, com muitas cartas inéditas, de algumas das quais apenas alguns trechos foram publicados no meu trabalho»⁴².

O espólio de José Bruno Tavares Carreiro também regista as felicitações de João dos Reis Gomes em relação à versão da obra de Eça de Queirós, *Os Maias*, para teatro: «encarreguei o meu filho [Álvaro Reis Gomes] de dar-lhe o meu cordial abraço de felicitações pelo êxito notabilíssimo dos seus “Maias”»⁴³.

Na nossa ótica, a correspondência açoriana de João dos Reis Gomes vem reafirmar que as humanidades, a história e a literatura preenchem uma forma muito própria de o Major projetar o seu pensamento, sem um crivo deliberadamente político. Como informação complementar, na correspondência açoriana, ficamos a saber que João dos Reis Gomes, no fim da vida, sofre de reumatismo e de falta de vista⁴⁴. Outras maleitas e queixumes também são revelados nas conversas com José Bruno Tavares Carreiro, como o problema cardíaco, «O agravamento da crise cardíaca de que aí me queixava, levou-me à cama onde estou em tratamento»⁴⁵, ou as insónias

⁴⁰ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 5241.

⁴¹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6228.

⁴² BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6231.

⁴³ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

⁴⁴ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

⁴⁵ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6232

resultantes da compressão aerofágica, «O pior são as minhas insónias agravadas com angústias resultantes da compressão aerofágica»⁴⁶.

A partir das amizades, das atividades, da colaboração com a imprensa e do propósito da literatura de João dos Reis Gomes, podemos presumir uma personalidade regionalista e patriótica, em termos político-intelectuais. Ao regionalismo e ao patriotismo, acrescentamos traços autonomistas e nacionalistas, embora a política explícita não seja uma linha da escrita de João dos Reis Gomes.

Quanto ao estilo, pauta-se por ser livre e elogioso em relação ao correspondente. A adjetivação é um recurso usual, como vimos na crítica a *Antero*, as expressões idiomáticas com ironia, como «é melhor a malinha perdida do que a perna partida», e o humor, como, no seguimento da situação da mala perdida, a sugestão de rir da desgraça alheia, uma vez que quem achou a mala e não a devolveu encontrou, certamente, roupas velhas: «a grande decepção sofrida pelo achador que supunha ter encontrado um tesouro... e só encontrou umas roupas que são talvez nem para aproveitar. Antes a malinha perdida do que uma perna quebrada...»⁴⁷. Outro exemplo do humor de João dos Reis Gomes é a nota às felicitações endereçadas por José Bruno Tavares Carreiro, aquando dos 80 anos do Major: «Pois pesam [os 80 anos], na verdade, como 80 toneladas»⁴⁸.

4. Perspetivas

Tratando-se de cartas de cariz pessoal, cujos assuntos versam, principalmente, sobre literatura, cultura das ilhas, a admiração e o apreço, alguns queixumes acerca do estado de saúde, que se destacam, sobretudo, no conjunto da correspondência com José Bruno Tavares Carreiro, não podemos deixar de observar e destacar o interesse que este conjunto poderá ter para os estudos culturais (língua, cultura e literatura), mesmo quando as cartas pessoais possam ser tidas, primeiramente, como fonte da História.

Os conjuntos epistolográficos, ora tratados, conduziram-nos à questão de que tipo de relação pode ser estabelecido com a história, ou de que modo poderão servir o conhecimento histórico, visto que o nosso artigo corresponde a uma comunicação apresentada num congresso dedicado a este ramo do saber.

⁴⁶ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6232.

⁴⁷ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6232.

⁴⁸ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6230.

Ao contrário de outros discursos literários e não literários que poderão ser confundidos com a escrita da história, mas que são fontes da história, a escrita epistolar não se presta a essa dúvida e assenta-se como uma fonte da história, tendo presente a informação que nos poderá reportar sobre uma determinada personalidade e acontecimentos ou maneira de pensar estabelecidos numa determinada época.

No estudo da personalidade, pequenas marcas poderão fazer com que completemos um quadro biográfico no âmbito da História e Cultura da Madeira: o interesse pelas personalidades das ilhas, o debate de assuntos que recorrem a projetos literários e biográficos maiores, como forma de destaque de uma cultura insular de gerações que acreditaram na autonomia e no regionalismo, de modo a conseguir conquistas políticas assentes numa identidade regional, formada através de um fundo cultural distintivo que pudesse operacionalizar essa diferença na unicidade pátria.

Bibliografia

Fontes

BPARPD, Tavares Carreiro, n.ºs 5241; 5242; 6223; 6225; 6227, 6228; 6229; 6230; 6231; 6232; 10023 e 10024.

BPARPD, Manuel Monteiro Velho Arruda, n.º 50.158.

BPARPD, Teófilo Braga, cx. 18, n.º 87; cx. 146, n.º 60; cx. 163, n.º 31; e cx. 215, n.º 42.

Correio da Madeira, 1923-1-4.

Correio da Madeira, 1923-1-12.

Correio da Madeira, 1923-1-24.

Correio da Madeira, 1923-1-25.

Diário da Madeira, 1922-11-7.

Diário de Notícias, 1950-1-22.

Teoria

BARRENECHEA, Ana María, 1990, «La epistola y su naturaleza genérica», in *Dispositio*, vol. XV, 39, pp. 51-65.

CEIA, Carlos, 2009, «Epístola», in *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epistola/>, consultado em 2021-10-22.

- FERNANDES, Paulo Jorge, 2014, «A vida política», in TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.), *A crise do liberalismo: 1890-1930*, Lisboa, Fundación MAPFRE/Objectiva, pp. 31-85.
- FIGUEIRA, Paulo, 2021, *João dos Reis Gomes: contributo literário para a divulgação da História da Madeira*, Tese de doutoramento/texto policopiado, Funchal, Universidade da Madeira.
- GOULART, Rosa Maria, 1997, *O trabalho da prosa*, Lisboa, Angelus Novus.
- NORONHA, Eduardo de e PIRES, Caldeira (dir.), 1909, *Serões*, n.º 47, Lisboa, Livraria Ferreira.
- REIS GOMES, João dos, 1946, *A Filha de Tristão das Damas*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal
- REIS GOMES, João dos, 1914, *Guiomar Teixeira*, Funchal, Heraldo da Madeira.
- ROCHA, Andrée, 1990, *A epistolografia em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RODRÍGUEZ LAFUENTE, Fernando, 2007, «Arquitecturas de la memoria: historia, ficción y narración», in LUCENA GIRALDO, Manuel e GONZÁLEZ CASASNOVAS, Ignacio (dir.), *Los secretos de la escritura: historia, literatura y novela histórica*, Madrid, Fundación Cultural MAPFRE, pp. 81-118.
- ROSAS, Fernando, 1994, «O Estado Novo nos anos 30», in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: o Estado Novo (1926-1974)*, vol. 7, Lisboa, Estampa, pp. 243-299.
- SALGUEIRO, Ana, 2011, «Entre centros e periferias, reflexões acerca dos sistemas culturais da Macaronésia Lusófona», in VIEIRA, Alberto (dir.), *Anuário do Centro Estudos e História do Atlântico*, n.º 3, Funchal, CEHA, pp. 934-947.
- SILVA, Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, Funchal, DRAC.
- TORGAL, Luís Reis, 1989, *História e ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva.
- VIEIRA, Alberto, 2018, *Arquipélagos e ilhas entre memória, desmemória e identidade*, Funchal, CEHA.
- VIEIRA, G. Brazão, 1950, «Um grande vulto que a morte levou: João dos Reis Gomes», in *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 2, Funchal, pp. 17-19.

Transcrição da Correspondência⁴⁹

Teófilo Braga: BPARPD – ATB⁵⁰

Carta n.º 1⁵¹

Funchal, 7 de março de 1906

Illmo. Exmo. Sr.

Meu Caro Mestre

Permitta V. Exa. que embora obscuro e de longe venha juntar as minhas saudações ás que de todo o pais e do estrangeiro se lhe dirigem por esta occasião do seu 63.º anniversario.

Não venho repetir, ligando-me a esse côro de sympathicas e respeitosas admirações, as palavras d'enthusiasmo que teem constituido a singular homenagem prestada ao author d'essa obra colossal em que o nosso espirito, a um tempo, se orgulha, enriquece e abysma. Já outros superiormente dotados fizeram a glorificação do poeta, do historiador e do philosopho; hoje venho trazer, somente, a esse grande homem o meu preito d'admiração e affecto pelo homem de coração, pelo trabalhador genial que assenta a um imenso fundo de bondade o culto particularmente fervoroso e firme da justiça.

Subscreve-se, do Mestre, admirador humilde profundamente grato

J. Reis Gomes

⁴⁹ Procuramos na transcrição das cartas e rascunhos manter a escrita original, sem proceder a atualizações. Em relação às abreviaturas, deciframos as que se relacionam com nomes próprios e expressões. Na citação de cor feita por José Bruno Tavares Carreiro de *L'Aiglón*, assinalamos com [sic] o que não está de acordo com o texto original.

⁵⁰ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 18, n.º 87; cx. 146, n.º 60; cx. 163, n.º 31; e cx. 215, n.º 42.

⁵¹ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 215, n.º 42.

Carta n.º 2⁵²

Funchal, 25 de outubro de 1907

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Teophilo Braga

Meu caro Mestre

Não é ainda d'esta vez que infligirei a V. Exa. a canseira de lêr a novella historica madeirense em que lhe fallei quando em Julho tive o grande prazer de abraçar V. Exa. no Curso Superior de Lettras. Antes está reservado a V. Exa. o sacrificio d'aturar aquillo a que chamei «Historias Simples» e que é um grupo d'histoietas desprentenciosas, como o proprio titulo indica. Algumas, passadas na Madeira, outras, sem lugar determinado.

V. Exa. teve a gentil condescendencia de apadrinhar «O Theatro e Actor», captivando-me com as suas referencias e concorrendo para que d'elle se fizessem duas edições; isto devia desobrigál-o de ser novamente importunado, mas é sina dos bons serem victimas da sua propria bondade. E a prova estou eu a dal-a, rogando a V. Exa., n'este momento, o favor d'uma leitura, e pedindo-lhe, se a tanto poder aceder, o obsequio de comunicar-me a sua impressão sobre essa modesta obrinha.

Subscreve-se, com honra, o de V. Exa. at[en]to. venerador, agradecido e devotado admirador.

J. Reis Gomes

Carta n.º 3⁵³

Exmo. Senhor Dr. Teófilo Braga

Meu caro Mestre

Tomo a liberdade de enviar a V. Exa., submetendo-o ao seu decisivo juizo, o meu novo livro – «A Música e o Teatro» – um modesto mas sincero estudo de estética musical, mais particularmente referido á obra scenica.

⁵² BPARPD, Teófilo Braga, cx. 146, n.º 60.

⁵³ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 163, n.º 31.

Nas «Razões do Livro» encontrará V. Exa. condensados os assuntos que a obra versa, e os motivos que me levaram a tratá-los, rogando o favor da sua atenção, mais especialmente, para as suas 2.^a e 4.^a partes: a minha hipótese da «vibração nervosa», destinada a explicar o fenómeno musical, desde a sua origem no espirito do auctor até á sua reprodução no cérebro do ouvinte; e a análise do drama wagneriano, compreendendo o poema e a composição musical.

Sejam quais fôr os aplausos ou censuras que o livro possa merecer ao alto e profundo espirito de V. Exa., espero dever ao Mestre a complacencia da sua sábia opinião sôbre o valor dêle perante a filosofia e a arte.

Quis V. Exa. condescender em dá-la, e tão carinhosamente, acêrca de «O Teatro e o Actor»; estou certo que de não recusará a emiti-la sobre «A Musica e o Teatro» cujas teses serão certamente discutíveis, erradas, mesmo, na sua dedução científica, mas que representam um esforço para a conquista da verdade e para a dignificação, convicta e honesta, da fórmula musical latina na sua aplicação á obra de teatro.

Tenho a subida honra de subscrever-me como, de V. Exa., o mais humilde dos discípulos e o mais grato e devotado dos seus admiradores.

Funchal, 1/8/1919

J. Reis Gomes

Cartão de Boas Festas⁵⁴

João dos Reis Gomes, tenente de artilharia, ao bondoso amigo e caro Mestre, bem como a todos os seus, deseja festas felizes e um anno prospero.

Manuel Velho Arruda: BPARPD – AMMVA⁵⁵

Carta n.º 1

F.^{al} 13-IX-1944

Exmo. Senhor Manuel Monteiro Velho Arruda.

Ilustre Escritor

⁵⁴ BPARPD, Teófilo Braga, cx. 18, n.º 87. Este cartão não apresenta data.

⁵⁵ BPARPD, Manuel Monteiro Velho Arruda, n.º 50.158.

Acuso, muito penhorado, a recepção do Livro I das «Saudades da Terra», que V. Exa. se dignou enviar-me e que acaba de chegar-me às mãos.

Cumpre-me, antes de tudo, felicitar V. Exa. por ver coroado o seu tão louvável empenho, que data de 1922, de ser editada esta interessantíssima parte da obra de Frutuoso, louvamo-lo, incondicionalmente, por seus inteligentes, longos e pertinazes esforços neste sentido dispendidos o que tudo honra, de relevante modo, o seu ilustre nome de historiógrafo e escritor.

Li com o mais alto aprêço o precioso ensaio crítico sobre o sr. Gaspar Frutuoso⁵⁶ e várias matérias contidas neste livro, que V. Exa. se dignou escrever na entrada do volume, recolhendo dessa leitura mais um seguro testemunho dos talentos e vasta cultura de tão devotado como ilustre micaelense.

Como insulano, desvaneço-me com o altíssimo serviço que V. Exa. acaba de prestar aos nossos dois arquipélagos e dum modo geral, à nossa Pátria.

Agradecendo, de novo, a valiosa oferta de V. Exa. com renovação dos meus sinceros aplausos por seu nobre empreendimento.

Sou de V. Exa., com toda
admiração e estima
muito obrigado
J. Reis Gomes

José Bruno Tavares Carreiro: BPARPD – ATC⁵⁷

Carta n.º 1⁵⁸

Funchal 22.III.1947

Exmo. Senhor José Bruno Carreiro – Meu eminente Amigo:

⁵⁶ Gaspar Frutuoso (Ponta Delgada, c. 1522 / Ribeira Grande, 24 de agosto de 1591) foi um padre, estudioso e cronista açoriano. É o autor da obra *Saudades da Terra*, que constitui uma referência das crónicas sobre os arquipélagos atlânticos. A título de curiosidade, em *Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso apresenta uma crítica a Platão, sobre a existência da Atlântida, além de relevantes observações da vulcanologia açoriana, em particular, de São Miguel.

⁵⁷ BPARPD, Tavares Carreiro, n.os 5241; 5242; 6223; 6225; 6227, 6228; 6229; 6230; 6231; 6232; 10023 e 10024.

⁵⁸ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6227.

Mesmo antes de dizer-lhe o motivo, já da minha falta lhe peço as antecipadas desculpas.

Tendo a Junta Geral do Distrito do Funchal mandado fazer uma segunda edição da minha novela «A filha de Tristão das Damas», saída em Janeiro último, desde logo tomei a liberdade de endereçar-lhe um exemplar desta nova edição. Mas os frios da entrada do ano, afrontaram intensamente o meu reumatismo e eu, acrescida a dificuldade de mover-me e até de pensar, na ocasião do envio dos volumes para o correio, o que lhe era destinado, bem como outro para um meu cunhado, ficou retido no meu escritório, a coberto dos invólucros com que me chegaram os livros da tipografia. O rapaz que eu encarreguei de levar os volumes para o Correio, não reparou, e assim ficaram esses dois sem seguirem ao seu destino. A principal desculpa foi minha, ou melhor, do meu impertinente reumatismo, pois é só agora ao remover os tais invólucros, dei com esta retenção. Imagine como fiquei desolado!

E é contando com a sua grande bondade e piedade pelas minhas maleitas – entre as quais a crescente falta de vista que tanto me neurasteniza –, que me atrevo a mandar-lhe, nesta altura, essa insignificante obra da minha mocidade, que só terá, para si, o valor de ter no ante-rostro o seu prestigioso nome por cima da minha modesta rubrica. Peço-lhe que a aceite, com o seu perdão, como se lhe chegasse na hora própria.

Não pude vê-lo, meu Ilustre Amigo, quando aqui passou de volta da sua gloriosa jornada a Lisboa; mas encarreguei o meu filho de dar-lhe o meu cordial abraço de felicitações pelo êxito notabilíssimo dos seus «Maias», juntamente com o meu afectuoso parabéns pela justíssima condecoração que recebeu das mãos do venerando Chefe de Estado e que tão acertadamente assenta no seu peito.

Com novas e cordiais felicitações e reiteradas desculpas, me subscrevo, com a mais alta admiração e renovada estima, amigo grato que todas as venturas lhe deseja,

J. Reis Gomes

Rascunho n.º 1⁵⁹

28/III/1947

Reis Gomes

Meu presado e ilustre Amigo

⁵⁹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10023.

Há quanto tempo lhe devo os meus agradecimentos pela amabilidade da oferta do seu folheto O Cavaleiro de Santa Catarina?... Não sei... Sei que há muitos meses o tenho entre livros a agradecer – cobrindo-me de vergonha quando o vejo e me encho logo dos mais decididos propósitos de o agradecer pelo próximo vapor... o fatal próximo vapor que me arrasta a incríveis adiamentos no cumprimento dos meus deveres de agradecimento de cartas e livros, aguardando sempre momentos de sossego. Numas semanas de férias passadas agora na Terceira, onde trouxe o seu folheto, encontro um desses momentos e grito-me energicamente um basta! que me põe a pena na mão para vir apresentar ao meu ilustre Amigo os meus agradecimentos e as minhas desculpas pelo atrazo com que venho cumprir este tão grato dever.

Aqui reli o seu folheto com o mesmo interesse com que o lera ao recebê-lo. História ou lenda, o caso de Henrique Alemão conta-no-lo o meu ilustre Amigo por uma forma que nos prende da 1.^a à última página, com o talento literário, largamente documentado em toda a sua obra. A descrição da batalha louva um escritor. Parece-me que o caso pertence bem mais à história do que à lenda: esta terá entrado apenas com um ou outro pormenor trazido pela tradição. E que assim, na realidade, não fôsse, restaria, em defesa da beleza da lenda, o dever de mantê-la, trazendo naquelas palavras de um soneto em que Rostand⁶⁰ impunha o retrato que traçase do Aiglon (cito de cor):

Dors, tu fus ce jeune homme et ce fils, quoi qu'on dise.

Dors, tu fus ce martyr [sic]; du moins, nous le voulons!

Como lhe disse, escrevo-lhe lembrando sempre e agradecendo-lhe as suas gentilezas.

Peço-lhe o favor de me lembrar com o seu filho e com a sua nora, a quem a minha mulher também apresenta os seus cumprimentos. Reservando ao meu caro major Reis Gomes os meus cumprimentos e as minhas desculpas, com os meus votos peço-lhe que encontre o abraço do seu admirador.

⁶⁰ Edmond Rostand (Marselha, 1 de abril de 1868 / Paris, 2 de dezembro de 1918) foi um poeta e dramaturgo francês que ficou célebre pela obra *Cyrano de Bergerac* e pelo recurso a temas românticos. Os versos citados por José Bruno Tavares Carreiro são de *L'Aiglon*, cujo tema é a vida de Napoleão II, filho do Imperador Napoleão I e da Imperatriz Consorte Maria Luísa.

Carta n.º 2⁶¹

Meu querido e eminente amigo

8-V-1947

Como verá não me esqueci do seu pedido. Peço-lhe desculpa da demora na resposta à sua gentilíssima carta, pois a pessoa a quem tive de dirigir-me para as respectivas informações, além de doente, mora fóra do Funchal. Nem eu, nem o nosso P.e Fernando [Augusto da Silva]⁶² sabemos nada destes assuntos. Tive de recorrer ao Cónego Menezes Vaz⁶³ que é, aqui, a verdadeira autoridade nestes casos de genealogias da Madeira. Ele responde-me como o meu ilustre amigo verá pela carta junta. Não sei se ficará satisfeito com esses esclarecimentos: estou certo que isso que aí vai foi o que o Cónego pôde apurar. Mas se, como ele diz, precisar de algum pormenor mais concretizado, é formular a sua pergunta que ele verá, se estiver com saúde para responder, o que poderá mais alcançar. É homem sabedor, probo e muito bondoso, além de fanático linhagista. – E, sempre ao seu dispor, queira receber um afectuoso abraço do seu Admirador e Amigo sempre grato,

J. Reis Gomes

Rascunho n.º 2⁶⁴

10-IV-47

Reis Gomes

Ainda tinha aqui esta carta à espera do vapor para mandá-la pelo correio, quando recebi, enviada de S. Miguel pelo «Carvalho Araújo», a sua estimada carta de 22 de março e o exemplar da 2.^a ed. de A Filha de Tristão das Damas. Muito cordialmente lhe agradeço as palavras amigas na sua carta, excepto as desculpas pela demora em me enviar aquele seu livro! Desculpas! Desculpas para mim, que só agora apareço a

⁶¹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6223.

⁶² O padre Fernando Augusto da Silva (Funchal, 29 de setembro de 1863 / Funchal, 18 de outubro de 1949) foi um intelectual madeirense da primeira metade do século XX. Além das suas investigações sobre a História da Madeira, publicou, com Carlos Azevedo de Meneses, o *Elucidário Madeirense*.

⁶³ O cónego Fernando de Menezes Vaz (Santana, 1 de fevereiro de 1884 / Funchal, 26 de maio de 1954) destacou-se como genealogista, tendo legado um conjunto de 15 fascículos com o título *Famílias da Madeira e do Porto Santo*.

⁶⁴ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 10024.

agradecer-lhe o seu folheto sobre O Cavaleiro de Santa Catarina! Nenhumas me devia o meu ilustre Amigo e só eu tenho que lhe agradecer a nova gentileza com que tanto me distingue – o livro, as palavras com que mo envia e as da sua carta.

Já conhecia o seu romance, e bem me lembro de que foi por ele que conheci a lenda de Ana d'Arfet e Machim, e pormenores da vida de Colombo na Madeira. Pela sua mão entramos, cheios de encanto, nessa Madeira dos fins do séc. XV, tão diferente da minha S. Miguel, sem histórias nem lendas, onde até ao séc. XIX só se pensou (salvo muito raras excepções) em comer, beber e amontoar dinheiro, sendo raros, ainda no 1.º quartel daquele séc., os que sabiam ler e escrever, mesmo nas classes altas. Com mão de mestre, o meu ilustre Amigo entretece no seu romance a lenda com a historia, em quadros cheios de colorido e vida, que muitas vezes nos comovem e sempre nos prendem o interesse. [Sente-se bem que todos os personagens lhe são familiares, o meio em que se movem, a época que para si nenhum segredo tem evocada em tudo o que a caracterizava, nessa ilha tão rica de tradições e lendas, conservadas com amor por esses séculos fora.]⁶⁵ O «severo realismo» a que se refere no prefácio desta edição, aplicado a um romance da natureza do seu Tristão, destruiria tudo o que nele mais nos encanta; em vez de adoptar as suas fórmulas e os seus cânones, preferível seria fazer secamente história. Muito cordialmente o felicito pela nova consagração que obteve agora o seu romance com a excelente edição mandada fazer pela J.[unta] G.[eral]. Ainda bem que ele assim deixa de ser a raridade bibliográfica que já estava sendo a primeira. Deus lhe conserve por muitos anos a melhor saúde, restabelecido do reumatismo e da doença da vista de que me fala na sua carta, para poder dar-nos trabalhos que continuem a enriquecer a sua já tão vasta obra.

Muito lhe agradeço também as palavras da sua carta em que se refere aos Maias – uma audácia perpetrada na juventude, que na velhice me envolveu numa grande aventura, que algumas vezes me cobriu de suores frios! Felizmente tudo correu pelo melhor. Muito obrigado pelas suas felicitações e pela sua referência à condecoração de que se lembrou o meu velho amigo Caeiro da Mata.

Voltando agora a escrever-lhe, lembro-me de pedir-lhe o favor de uma informação: Pedro Nicolau de Bet.[encourt] Freitas e Meneses, bisavô de Antero pela linha da avó paterna D. Carlota Josefina de Freitas Betencourt, era trisneto do escritor H.[enrique] H.[enriques] de Noronha, sexto avô de A.[ntero] por esta linha, segundo informações que me deu há anos o nosso falecido amigo Rui da Câmara. Neste ramo,

⁶⁵ Esta parte do texto entre [] consta no verso do rascunho original e, por indicação do autor, deve estar aqui localizada.

haverá mais algum antepassado de A.[ntero] digno de menção, além de H.[enrique] H.[enriques] de Noronha? Desculpe a maçada e, se por assunto a que mais facilmente possa responder o nosso ilustre amigo sr. Pe. Fernando, peço ao meu caro major o favor de em meu nome lhe pedir o favor da informação.

Renovando ao meu caro major R.[eis] Gomes os meus agradecimentos por todas as suas amabilidades, e os meus votos muito cordiais pelo seu completo restabelecimento, abraço-o como seu admirador e velho amigo muito obrigado

Rascunho n.º 3⁶⁶

5 abril 1948

Major Reis Gomes

Meu caro e ilustre Amigo

Aqui venho agradecer-lhe, muito reconhecido, a amabilidade da oferta da sua Lenda de Loreley, que li com muito prazer. Ninguém deixará de reconhecer muito maior beleza à sua interpretação da famosa lenda, contada agora por um latino, aprovando e aplaudindo o seu processo e a sua forma.

Muito cordialmente o felicito por este trabalho, é mais um exemplo das suas belas faculdades de escritor, e lhe agradeço o exemplar que teve a gentileza de me oferecer.

Por este correio lhe mando um exemplar do meu Antero, que é posto amanhã à venda nas livrarias do Continente. Peço-lhe que o aceite como um testemunho da minha estima a retribuir-lhe as ofertas de tantas obras com que a sua amabilidade me tem distinguido.

Aqui me tem sempre ao seu dispor etc.

Cumprimentos da melhor estima de minha mulher e meus, o meu caro major, sua nora e o seu filho, com votos etc.

⁶⁶ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6225.

Carta n.º 3⁶⁷

Funchal, 12-XI-1948

Meu muito prezado e ilustre Amigo:

Já deve estar admirado da minha falta de agradecimento à sua tão gentil quão preciosa oferta.

Mas, explico: não só esta me chegou às mãos na viagem seguinte à indicada na sua última carta, mas ainda a tentação que tive de logo me embrenhar naquelas saborosas e suculentas páginas, me impediram de escrever-lhe antes de, ao menos, terminar a leitura do primeiro volume. Acresce a isto, o facto de, pela minha péssima vista, não poder ler senão às doses e, ainda assim, recorrendo-me de óculos próprios, auxiliados com uma lente de mão para o tipo miúdo.

E, contudo, já iniciei o 2.º volume. Agora, devagar embora, tem de ir tudo a seguir. Aquilo, foi para mim um feitiço.

O seu trabalho, o seu enormíssimo trabalho, além da rara lucidez e do invulgar escrúpulo com que foi realizado, é um labor de beneditino que me assombra! o que o meu ilustre Amigo coligiu, vasculhou, escolheu e comparou, o que leu e meditou, merece só este nome: colossal, escrito com k, como para dar-lhe toda a grandeza escreveria em alemão. É uma obra de inteligência e elevação que não deixa na mais leve sombra nem um recanto da psicologia ou da mentalidade de Antero. Digo-lhe, com toda a sinceridade, parece-me que a palavra exaustivo nunca se empregou, como aqui, com maior ou igual justeza. E chama-lhe: Subsídio.

Mas, sendo assim, quem será o santo, pela paciência, e o herói, pela coragem que tomará o encargo, a injustíssima tarefa, de fazer a síntese desse subsídio, arrojando-se a uma completa biografia do seu Antero de Quental? Se é preciso condensar aqueles elementos para tal efeito, se o que fez, pela extensão e multiplicidade de factos e aspectos, não é por si considerado o trabalho de primitivo, só uma pessoa, pela apropriação em que está desses mesmos elementos, o poderá realizar condignamente.

Não lhe digo o nome dessa pessoa, ausculta a sua consciência. Mas, não resisto, a dizer-lho, com tanta a sinceridade de que sou capaz. Esse carácter tão complexo, esse espírito multiforme, esse neurótico de génio, esse longo sublime – como diria um

⁶⁷ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6228.

Lombroso⁶⁸ –, só pode ter um biógrafo (se já o não tem, como creio): o autor de esta obra, no seu génio, verdadeiramente singular, que eu, com sofreguidão, estou a ler e a admirar.

Eis o que, com o melhor agradecimento, por tudo, até pela sua bondade, tenho para dizer-lhe, e com o coração nas mãos – que tão calorosamente o aplaudem.

Desculpe este longo e inútil desabafo, meu querido e tão ilustre Amigo; e creio sempre em alta Admiração e na sincera e grata estima do seu velho, cansado e devotado Amigo,

J. Reis Gomes

P.S.: Perdão, à minha má vista, o pouco respeito pela pauta destas folhas.

Carta n.º 4⁶⁹

Funchal 21-XII-1948

Meu muito estimado e ilustre Amigo.

Esperando que esta lhe chegue às mãos dentro do quatro do Natal, por ela lhe agradeço e, de todo o coração, lhe retribuo as suas B.[oas] F.[estas], desejando-lhe e a todos os seus um 1949 perene de felicidades. Antes de tudo, com a melhor saúde.

Quanto ao conteúdo essencial da sua última, aceitando à sua grande modéstia ou razões que me dá em oposição às que lhe apresentei sobre quem era já, ou devia ser, o biógrafo de Antero de Quental, não tenho que modificar a minha opinião. Eu tenho o verdadeiro culto dessa virtude – a modéstia – que sempre acompanhou – ou deve acompanhar – os talentos bem equilibrados, as mentalidades de alta cultura e que, por isso mesmo, se não narcisam com o seu próprio saber, medindo bem o seu valor e as suas responsabilidades. Felicito-o sinceramente pela posse dessa tão simpática virtude.

Mas tudo tem o seu limite. E o que eu temo é que um audacioso, de verdadeira ou suposta cultura filosófica, vendo Antero – como é vulgar – através dos

⁶⁸ Cesare Lombroso (Verona, 6 de novembro de 1835 / Turim, 19 de outubro de 1909) foi um importante psiquiatra e criminologista italiano, tido como o criador, no direito penal, da antropologia criminal e da «Scuola Positiva».

⁶⁹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6229.

conceitos próprios, e obedecendo às suas predilecções normais ou de seita, dê dessa grande e complexa figura uma só faceta, quando ele apresenta tantas, ou pior ainda: uma deturpação. Tenho medo dos filósofos, agarrados sempre às suas ideias fiéis, e mesmo dos especializados. Lembro-me da Nosografia de Sousa Martins⁷⁰. Veja, meu querido e eminente Amigo, como este viu o seu homem: apenas através da sua ciência, dos preconceitos talvez da sua ciência que era, ao tempo, a ciência da moda. A psicologia reduzida apenas à psicologia cerebral e à patologia.

Não. Para mim, bem que seja desautorizada a minha opinião, ou a biografia está já feita no seu livro, no seu preciso e exaustivo livro, ou se ela teria de condensar-se para adquirir a forma mais corrente, só o meu eminente Amigo, na posse de todos os dados do problema, é que poderia com toda a imparcialidade – sem preconceitos políticos, sociais, filosóficos ou literários – essa difícilíssima síntese. A profunda cultura num só ramo dos conhecimentos humanos é, por vezes, não só dogmática, mas perigosa... até na medicina. É ver como os especialistas tantas vezes se enganam, tantas vezes erram, vendo o caso clínico apenas por um lado: da sua especialidade.

Enfim, isto serão considerações de um velho que, à força de ter vivido muito e muito observado, tem receio das audácias e impertinências dalguns novos inchados de saber livresco e das novidades sedutoras.

Quanto a mim – o que pouco interessa – não é fácil, no caso, mudar de opinião.

E não digo isto para lisonjeá-lo, pois sou avesso a este género de amável, mas hipócrita, cortesia.

Agradeço-lhe, do coração, as boas palavras com que acusou a recepção da minha carta. Mas só lhe peço que não seja mais, no que lhe disse, do que admiração e, sobretudo, sinceridade. Nada me deve. Eu é que lhe devo tudo pelo alto favor que me proporcionou com a leitura do seu livro. Li até às últimas notas o 2.º volume; e só vi, com essa leitura, arreigarem-se as ideias que me deixaram a leitura do primeiro. Já vê, meu ilustre e douto Amigo, com a convicção com que lhe falo.

Desculpe-me este longo desabafo. Mas é bem certo que as palavras são como as cerejas: umas seguem as outras...

⁷⁰ José Tomás de Sousa Martins (Alhandra, 7 de março de 1843 / Alhandra, 18 de agosto de 1897) foi um médico e Professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. A sua lembrança está associada às ideias e ações desenvolvidas no combate à tuberculose. É o autor da *Nosografia de Antero*, que, aqui, é criticada por João dos Reis Gomes.

Renovando-lhe os meus agradecimentos, os votos de B.[oas] F.[estas] e F.[eliz] A.[no], e os contínuos protestos da minha cordial estima e da minha admiração, o abraço, cerradamente, desejando-lhe todas as venturas e novos triunfos literários.

Seu do coração
e pelo espírito,

J. Reis Gomes

Carta n.º 5⁷¹

23/1/1949

Meu caro e eminente Amigo, abraço-o cerradamente no peito.

Mantenho sempre a minha opinião – longe das ilusões que possam derivar da amizade –, venho, de coração nas mãos, agradecer-lhe as tão bondosas palavras de felicitação que me dirige a propósito das minhas 80 primaveras. Meu querido Amigo, nunca compreendi tão bem, como agora, a vulgar expressão: «peso dos anos». Pois pesam, na verdade, como 80 toneladas! Em todo caso, cá vamos indo... até Deus querer. Fazer oitenta anos não é uma façanha; mas os meus amigos entenderam que o facto dependera de mim e cá vieram dar-me parabéns pelo feito. E até o meu caro sr. José Bruno, aí de longe, quer comungar com os meus conterrâneos do pobre velho, associando-se às saudações. Muito e muito obrigado! Iguamente lhe agradeço os afectuosos votos pelas repetições de aniversários destes. Mas o agradecimento ainda é maior por ter acrescentado: com saúde. Fez bem, porque sem saúde, de nada vale a vida.

Por tudo, mil vezes grato se confessa o grande admirador e devotado Amigo.

J. Reis Gomes

⁷¹ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6230.

Rascunho n.º 4⁷²

19 março 49

Major Reis Gomes

Meu caro e ilustre Amigo

Desculpe-me tão tardiamente vir agradecer-lhe as suas letras de 23 de Janeiro e também o cumprimento da promessa que lhe fiz de voltar a agradecer-lhe a sua tão querida e cativante carta de 21 de Dezembro do ano passado, em palavras que não fossem as que apressadamente lhe escrevi, ao felicitá-lo pelo seu 80.º aniversário.

Afinal, meu ilustre Amigo, tudo se resume em dizer-lhe que não fui modesto, mas apenas sincero. Na verdade, julgo que o que mais importa para a biografia de A.[ntero] ficou arquivado no meu livro; mas essa biografia para ser feita a sério exige uma descida em profundidade (verticalmente, como agora se diz) que, por sua vez, exige em muitos domínios uma cultura que estou longe de possuir, especialmente no campo filosófico, desde os Gregos. Psitacismo e pedantocracia, como correntemente se praticam e ostentam, especialmente em todas as formas da crítica, repugnam-me visceralmente. Por isso, na matéria Antero, dei o que tinha a dar. Agora, quando em breve passar à situação de aposentado, entreter-me-ei a concluir a preparação da nova edição de toda a correspondência de A.[ntero], anotada, por ordem cronológica, em dois volumes, com muitas cartas inéditas, de algumas das quais apenas alguns trechos foram publicados no meu trabalho. E terei aí muito com que me entreter!

Desculpe-me a sua bondade a demora destas letras. A minha saúde não me deixa cumprir os meus deveres como tanto desejo – e daí o caos vergonhoso em que anda sempre a correspondência.

Aqui me tem sempre ao seu dispor portudo aquilo em que possa ser-lhe prestável. Os meus respeitosos cumprimentos para a sua nora, sua Senhora, lembranças amigas para o seu filho, com os mais cordiais votos pela sua melhor saúde e as suas maiores felicidades e de todos os seus.

Com eles, renovando-lhe os meus ap.[lausos] por todas as suas gentilezas, receba o meu ilustre Amigo um abraço do seu admirador e amigo bem grato.

⁷² BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6231.

Carta n.º 6⁷³

Funchal, 28-IV-1949

Meu querido e estimado amigo:

Vai dizer que sou teimoso. Resigno-me, com satisfação, neste caso, a displicente epíteto. Vi, com imenso prazer, que há quem, com mais responsabilidades do que eu, tenha, em publico, a opinião que mantenho acerca do seu «Antero».

O último número do «Ocidente», pela pena do seu crítico literário, exprime, por outras e melhores palavras e, mais largamente, as minhas ideias sobre o caso.

Eu ainda dizia: ou a biografia de Antero já está feita nos seus dois substanciosos e eruditos volumes, ou, então, só o meu amigo, se fosse referida uma síntese, poderia fazê-la. Mais ou menos isto era o que eu lhe dizia.

O seu crítico literário do «Ocidente», de Abril último, nem admite alternativas: chama à sua obra decisivamente – e muito bem – «modelar Biografia». E dá, acima, todas as razões do seu dito.

Trago à colação estas palavras, para que veja que as minhas não eram ditadas, apenas, por cortezia ou por cegueira da amizade. Eram absolutamente sinceras, e vejo que não eram tolas e nem sequer levianas.

Contudo, eu não compreendi bem os seus receios, darei razão das minhas objecções mentais à sua afirmação de menos autoridade filosófica.

Tenho visto que em crítica e filosofia sobre História geral ou História literaria, qualquer que seja a escola, sistema ou simples processo filosófico, todos escrevem através do seu critério pessoal: opiniões preconcebidas, ideologias e, muita vez, impressões uni-laterais, procurando-se a faceta da obra ou da vida do seu autor, a que as ideias do crítico ou do filósofo – neste caso, o grande biógrafo – melhor se ajustam. Ora isto não é biografar; é meter, é forçar o biografado a entrar nas ideias já feitas do escritor, do seu biógrafo.

O seu caso é bem diferente e é, para mim e mais alguém..., o verdadeiro. Expõe tudo quanto se sabe sobre Antero; esclarece dúvidas, corrige erros documentadamente sobre Antero, desde a sua ascendência, passo a passo, em toda a sua vida, física, psíquica e mental, sinceramente, escrupulosamente... E é com esta sinceridade, com esta isenção e este escrúpulo que historia o seu homem. Quanto a mim, é isto e só isto o que se chama escrever uma biografia.

⁷³ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 5241.

O leitor, assim, não é enganado com a papa feita, cheia de pseudo-autoridade de um senhor que se arvora em só ver patologia, outrora, hereditária, no que outros podem vêem psicologia, outros só influências do meio ou de correntes sociais, filosóficas ou literárias. O leitor, culto ou inculto, tem, na obra do meu querido e ilustre amigo, o homem tal como ele viveu e actuou, e não o homem que o filósofo criou no seu espírito, obedecendo à sua visão sistemática e, para tal, tendenciosa.

Não quiere condensar, não quiere sintetizar?

Pois bem: quer queira, quer não, a biografia de Antero já está feita e, como diz o Ocidente, é modelar. Abraça-o, com novas felicitações e muito aplauso, o velho amigo e admirador de sempre,

J. Reis Gomes

Rascunho n.º 5⁷⁴

Num ponto apenas, meu querido amigo, estamos de acordo: é que o essencial, na verdade, para a biografia de A.[ntero] está no meu trabalho. Para a biografia apenas. Haverá sempre muito que escrever sobre a sua obra – sobre o poeta, o filósofo, o panfletário, o historiador socialista. Mas creio que tudo servirá, para apenas nos fazer admirar os autores dos ensaios que lhe consagrarem bem mais do que para nos revelar a sua grandeza, os seus dotes de escritores e críticos. À beleza da vida e à beleza da obra nada poderão acrescentar.

O que projecto agora fazer é organizar uma edição de toda a correspondência de A.[ntero], anotada e disposta, pela 1.ª vez, por ordem cronológica. Mas tantas coisas tenho a despachar, que nem sei quando poderá desembaraçar aquele trabalho, já feito em grande parte.

Já que o meu ilustre amigo tanto me distingue e honra com o seu interesse pelo meu A.[ntero] e pelo que sobre ele se tem publicado, perdoe-me a imoestia de lhe dizer que no «1.º de Janeiro» de 8 do corrente saiu uma crítica ultra-desvanecedora e bastante no sentido do que atrás lhe disse. É do Jaime Brasil⁷⁵.

⁷⁴ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 5242. A hipótese de colocação deste rascunho neste ponto da correspondência deve-se ao contexto anterior, em que João dos Reis Gomes aborda os críticos e a excelência do trabalho de José Bruno Tavares Carreiro, aos planos do autor açoriano em organizar a correspondência de Antero de Quental e à indicação da crítica de Jaime Brasil.

⁷⁵ Artur Jaime Brasil Luquet Neto (Angra do Heroísmo, 22 de janeiro de 1896 / Lisboa, 19 de maio de 1966) foi um escritor e jornalista que se destacou pelas suas convicções libertárias e anarquistas. Passou por vários jornais e foi um dos fundadores do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa. Da sua obra, ficam as ideias pioneiras sobre a sexualidade humana e o controlo da natalidade.

Carta n.º 7⁷⁶

Funchal, 10 Setembro de 1949

Meu muito prezado e ilustre Amigo,

Quanto prazer me deu a sua carta, embora me deixasse um travo: o de sentir-se responsabilizado – de qualquer modo – na perda da mala da minha nora. Pelo amor de Deus!

Aquilo foi um puro acidente de viagem. Se o chauffeur não foi completamente cuidadoso, também a minha nora confessa que não passou uma revista, como devia, à respectiva arrumação.

Só nos resta consolar-nos com a desgraça alheia: a grande decepção sofrida pelo achador que supunha ter encontrado um tesouro... e só encontrou umas roupas que são talvez nem para aproveitar. Antes a malinha perdida do que uma perna quebrada...

Mas a sua muito estimada carta veio pôr o carro adiante dos bois.

Eu é que estava a esperar um momento de melhor disposição física para renovar-lhe, por muito, os meus aproveitamentos às suas grandes e muitas amabilidades.

A verdade, porém, é que a minha viagem, pessoalmente, me não trouxe se não agravamento dos soluços. Penso que a diferença de regime alimentar me arrasou ainda mais o estômago com acumulação de gases – a tudo aerofagias – que comprimindo-me o coração ainda mais lhe afectam a sua deficiência funcional. As análises de urina e de sangue são boas; mas o motor está muito enfraquecido e difícil de levantar-se até porque não soube bem qual o regime alimentar que me convirá – atendendo sobretudo à não formação de gases no estômago. Vamos a ver com paciência e a possível ciência médica, o que sairá daqui. Tudo está nas mãos de Deus.

Durante o dia lá vai... O pior são as minhas insónias agravadas com angústias resultantes da compressão aerofágica.

Mas basta de queixumes.

Já sabia – soube no dia do nosso embarque, pelo Alvaro, depois do Lima ter largado – que o meu querido Dr. José Bruno se havia aposentado; o que não sabia é que ainda se achava colaborando com o nosso bom amigo Agnelo⁷⁷ que,

⁷⁶ BPARPD, Tavares Carreiro, n.º 6232.

⁷⁷ Lúcio Agnelo Casimiro (Ourém, 9 de agosto de 1879 / Ponta Delgada, 20 de novembro de 1952) foi um advogado, jornalista e professor, monárquico e salazarista, que se destacou na política e cultura de São Miguel.

tão contra-vontade, foi apossado para o seu novo campo. Ambos sacrificados ao Bem Público! E isto quando ambos aspiravam e com toda a justiça ao descanso, longe de actividades, por vezes, muito incómodas. Mas a vida impõe sacrifícios a que não nos podemos eximir.

O agravamento da crise cardíaca de que aí me queixava, levou-me à cama onde estou em tratamento. Desculpe, pois, o desalinho desta carta.

Resta-me, meu querido e ilustre Amigo, agradecer-lhe uma vez mais todos os seus muitos favores e gentilezas, e apresentar-lhe os meus votos de boa saúde e contínuos triunfos literários.

Para sua Exma. Esposa, Minha Senhora, vão os meus melhores e mais respeitosos cumprimentos, além de muita gratidão.

Abraça-o, muito cerradamente, o devotado e reconhecido Amigo e Admirador.

J. Reis Gomes